

A perspectiva ciborgue, identidade e diferença em Dawn (1987), de Octavia E. Butler

The cyborg perspective, identity and difference in Dawn (1987), by Octavia E. Butler

Danielly Cristina Pereira Vieira¹
Brenda Carlos de Andrade²

DOI: 10.19177/memorare.v6e12019189-201

Resumo: O ciborgue é constantemente utilizado para representar as complexas e constantes transformações identitárias que constituem a humanidade pós-moderna. Esperamos refletir acerca da problemática proposta por Octavia Butler acerca do corpo ciborgue relacionando-o à subjetividade identitária humana a fim de suscitar o debate acerca da nossa própria realidade enquanto sujeitos metamórficos, pós-modernos. É nessa perspectiva que trabalharemos com a obra Dawn (1987), de Octavia E. Butler, objetivando analisar a transformação do corpo humano para um corpo ciborgue entendendo esse processo como metáfora para o romper de fronteiras principalmente identitárias e o seu rejeitar como metáfora para a visão essencialista acerca da diferença. Para isso, utilizaremos Tomaz Tadeu (2009), Chris Gray, Steven Mentor e Heidi Figueroa-Sarriera (1995) e Donna Haraway (2009), para discutir a teoria do ciborgue e Gloria Anzaldúa (1987), Ernesto Laclau (1990), Edward Said (1995), e Stuart Hall (2006; 2011) para discutir as questões sobre identidade e diferença.

Palavras-chave: Ciborgue. Identidade. Diferença.

Abstract: The cyborg is constantly used to represent the complex and constant identity transformations that constitute postmodern humanity. We hope to reflect on the problematic proposed by Octavia Butler about the cyborg body relating it to the human identity subjectivity in order to raise the debate about our own reality as postmodern, metamorphic subjects. It is from this perspective that we will work with Dawn (1987) by Octavia E. Butler, aiming at analyzing the transformation of the human body into a cyborg body, understanding this metamorphic process as a metaphor for the breaking of borders identity and its rejection as a metaphor for the essentialist view of difference. For this, we will use Tomaz Tadeu (2009), Chris Gray, Steven Mentor and Heidi Figueroa-Sarriera (1995) and Donna Haraway's (2009) to discuss the cyborg theory and Gloria Anzaldúa (1987), Ernesto Laclau (1990), Edward Said (1995) and Stuart Hall (2006; 2011) the discuss the questions of identity and difference.

Keywords: Cyborg. Identity. Difference.

¹ Mestranda em Letras/Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo bolsista CNPq. E-mail: <daniellycpvieira@gmail.com>.

² Doutora em Letras/Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora de Literatura de Língua Espanhola na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: <brenda.carlosdeandrade@gmail.com>.

1 Introdução

Jean Paul Sartre (2004) afirma que a “função do escritor é proceder de modo que ninguém possa ignorar o mundo nem alhear-se dele” (p. 21). Sartre, assim, volta-se para a dimensão sociocultural da literatura que atribui ao escritor o comprometimento de intervir na sociedade através da obra literária, abarcando o público nessa intervenção.

Nesse sentido, Octavia E. Butler (1986), uma das maiores escritoras de ficção científica, salienta em entrevista intitulada *Black women and the Science Fiction Genre* que, por ser um local de liberdade — “[...] potencialmente o gênero mais livre que existe” (p. 14, tradução nossa) —, a ficção científica despertou seu interesse. Seria esse, então, um dos motivos pelo qual a autora escolheu dedicar sua produção literária a diversos temas sociais e políticos utilizando esse gênero.

Como reflexo dessa característica dos escritos de Butler, Donna Haraway, em seu *Manifesto Ciborgue* (2009), caracteriza-a como uma teórica do ciborgue justamente por Butler voltar-se para questões referentes à metamorfose do ser humano em uma perspectiva pós-humanística. Sendo o ciborgue a representação da quebra das, até então, estáveis barreiras entre o ser humano e os animais — por desestabilizar as pretensas posições hierárquicas — e entre o ser humano e a máquina — por desestabilizar a própria ideia de humanidade essencial —, essa figura foi utilizada por Butler para representar as complexas e constantes transformações identitárias que constituem a humanidade pós-moderna.

Dessa forma, nesse artigo, trabalharemos com a perspectiva do ciborgue na obra *Dawn* (1987) — primeiro livro da trilogia *Lilith's Brood* —, de Octavia E. Butler. A título de esclarecimento, em *Dawn* (1987), a celeuma base para a história gira em torno da inquietante interação entre a espécie humana e uma espécie alienígena — os Oankali. O contexto por trás da diegese é o do resgate de alguns seres humanos sobreviventes de uma guerra tão devastadora que levou os Oankali a pensar que, na verdade, tudo se tratava de um suicídio em massa: “[...] que havia sido um consenso entre vocês, que vocês tinham concordado em morrer” (BUTLER, 1987, p. 16, tradução nossa), diz Jdahya — um Oankali — a Lilith no primeiro contato realizado. O resgate, no entanto, não é completamente altruísta. Podendo Oankali ser definido como “comerciante de genes” — *gene trader* —, a proposta de salvamento é pautada em uma troca genética entre eles e os seres humanos, levando à criação de uma nova espécie que herdaria o melhor de ambos: uma evolução programada e assistida. O conflito se dá, pois, enquanto os Oankali utilizam a mutação genética como base para sua existência, os seres humanos entendem-na como devastadora para a humanidade em si. Apesar desse combate ideológico, dois humanos — Lilith e Joseph — submetem-se a transformações genéticas que os metamorfoseiam em diferentes aspectos: maiores habilidades e capacidades linguísticas e de memória, aumento de força, da capacidade de cura e regeneração, dentre outras transformações que colocam seus corpos na fronteira do ser humano. Assim, esses ciborgues biológicos sofrem a rejeição por parte dos humanos que os entendem não mais como seus semelhantes, e sim como monstros metamórficos, já que “alguns evitavam Lilith porque tinham medo dela — medo de que ela não fosse humana ou não fosse humana o suficiente” (BUTLER, 1987, p. 180, tradução nossa); o

que culmina no assassinato de Joseph: “Nós não matamos um ser humano (...) Nós matamos um dos seus animais!” (BUTLER, 1987, p. 228, tradução nossa).

Dessa forma, nesse artigo, objetivamos analisar a metamorfose do corpo humano para um corpo ciborgue como metáfora para o romper de fronteiras principalmente identitárias e o seu rejeitar como metáfora para a visão essencialista acerca da diferença. Para isso, utilizaremos a conceituação de Tomaz Tadeu (2009) e de Chris Gray, Steven Mentor e Heidi Figueroa-Sarriera (1995), que incluem na caracterização do ciborgue os seres geneticamente modificados. Utilizaremos também a teoria de Donna Haraway (2009), que percebe o ciborgue como um recurso imaginativo que se refere à nossa realidade social, como metáfora de uma forte fusão dentro da subjetividade humana, oposta às concepções essencialistas de identidade. Acerca da identidade e da sua visão essencialista a que a perspectiva ciborgue se opõe utilizaremos Edward Said (1995) e Stuart Hall (2006; 2011). Essa análise será complementada com aspectos acerca da quebra de fronteiras e mescla identitárias através da teoria de Gloria Anzaldúa (1987). Esperamos, assim, refletir acerca das implicações do corpo metamórfico do ciborgue relacionando-o à subjetividade identitária humana a fim de suscitar o debate acerca da nossa própria realidade enquanto sujeitos pós-modernos, metamórficos.

2 A perspectiva ciborgue, essencialismo e rompimento de fronteiras

Uma das caracterizações da nossa sociedade pós-moderna é a crescente complexidade nas interações que refletem um inter cruzar de subjetividades tanto individuais quanto sociais. Esse inter cruzar revela uma relação entre os seres, o que implica em uma crescente sociedade ciborgue. “Não existe nada mais que seja simplesmente ‘puro’[...]” (p. 11), afirma Tomaz Tadeu (2009) ao apontar a ubiquidade do ciborgue na nossa era, e segue salientando que não existe mais “a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. Total e inevitável embaraço” (p. 11).

Na perspectiva clássica trazida por Donna Haraway (2009), “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo”, no entanto, acrescenta, “uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção (...) capaz de mudar o mundo” (p. 36). Isso se dá, pois, como afirma a teórica, “a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão de ótica” (HARAWAY, 2009, p. 36). Por esse motivo, é de se esperar que a ficção esteja repleta desses seres híbridos, transmutados, metamórficos, uma vez que eles estão, para além da ficção, presentes na nossa realidade pós-moderna. Assim, tal como Haraway (2009), defendemos a perspectiva ciborgue como elemento ficcional que reflete nossa realidade individual e social por ser uma resposta imaginativa dessa realidade perpassada pelo conflito intenso entre o *ser* humano e o *ser* outros – animal, máquina, pós-humano.

O ciborgue, assim, é a representação da fragmentação dos limites que existiam entre o ser humano e os animais e entre aqueles e a máquina. Isso ocorre, pois, na sociedade de finais do século XX, devido ao pretenso privilégio humano acima das demais espécies do globo, a

sua singularidade enquanto ser vivo, o seu comportamento até então entendido como superior, é posto em causa. A fronteira, até então estável entre a humanidade e os animais, é questionada, desintegrada. Essa desestabilização afeta, assim, a própria concepção de humanidade que passa a se enxergar em um limbo no centro da dicotomia humano/animal. O mesmo raciocínio ocorre com as novas relações entre seres humanos e as máquinas, cujas barreiras são transgredidas a tal ponto que a ideia de essência humana é questionada, tornando duvidosa a dicotomia natural/artificial. A máquina, cada vez mais com atribuições humanas, suscita um questionamento: se o que é máquina é sabido por ser construído, o que é *ser* humano? A ideia metamórfica do ciborgue surge, assim, como uma subversiva correlação entre a humanidade e os demais seres que, ao serem humanizados, metamorfoseiam a própria concepção de humanidade em um complexo jogo de fluidas relações.

Sob um ponto de vista mais palpável, Chris Gray, Steven Mentor e Heidi Figueroa-Sarriera (1995) discorrem sobre o que significa falar em uma sociedade ciborgue:

A Sociedade Ciborgue se refere à ampla gama de relações íntimas de máquinas orgânicas, dos sistemas de armas homem-máquina dos militares pós-modernos (...) dos ratos geneticamente modificados de hoje aos biocomputadores, programas de vida artificiais e outras extravagâncias futuras como a simbiose planta-máquina-inteligente (p. 3, tradução nossa)³

No entanto, mesmo Gray, Mentor e Figueroa-Sarriera (1995) salientando uma perspectiva militar e da medicina civil como responsáveis pela constituição ciborgue, eles também determinam a indústria do entretenimento como um grande centro de criação ciborgue. E, assim, descrevem quatro possibilidades para a utilização das tecnologias ciborgue, seja na realidade ou na ficção:

Podem ser **restauradoras**, na medida em que restaura as funções perdidas e substitui órgãos e membros perdidos; elas podem ser **normalizadoras**, ao atribuir a alguma criatura uma normalidade indistinguível; elas podem ser ambigualmente **reconfiguráveis**, criando criaturas pós-humanas iguais, mas diferentes dos humanos [...]; e eles podem estar **melhorando**, o objetivo da maioria das pesquisas militares e industriais, e o que aqueles com inveja ciborgue ou mesmo com ciborguefilia fantasiam. (p. 3, tradução nossa, grifos dos autores)⁴

Seguindo essa classificação, em *Dawn* (1987), através da metamorfose de Lilith e Joseph, tem-se o melhoramento desses indivíduos. Assim, a primeira transformação dá-se com Lilith:

“Eu preciso fazer pequenas mudanças — algumas pequenas mudanças. Eu devo ajudá-la a alcançar suas memórias à medida que você precisar delas.”
“O que você quer dizer? O que você quer mudar?”

3 “Cyborg Society also refers to the full range of intimate organic-machine relations, from the man-machine weapons systems of the postmodern military (...), to the genetically engineered mice of today to biocomputers, artificial life programs, and nay future extravaganzas like plant-intelligent-machine symbiosis” (GRAY; MENTOR & FIGUEROA-SARRIERA, 1995, p. 3)

4 “Can be **restorative**, in that they restore lost fuctions and replace lost organs and limbs; they can be **normalizing**, in that they restore some creature to indistinguishable normality; they can be ambiguosly **reconfiguring**, creating posthuman creatures equal to but different from humans [...]; and they can be **enhancing**, the aim of most military and industrial research, and what those with cyborg envy or even cyborgphilia fantasize. (*idem*, grifos dos autores)

“Coisas muito pequenas. No final, haverá uma pequena alteração na química do cérebro.” (BUTLER, 1987 p. 75, tradução nossa)⁵

A primeira metamorfose ocorre pela necessidade de Lilith aprender o idioma Oankali mais rapidamente, já que não é permitido que ela utilize papel e caneta para estudá-lo e, mesmo se fosse providenciado, demoraria muito tempo para que ela se apropriasse totalmente da nova língua. No entanto, Lilith, inicialmente, resiste por temer alterações no seu cérebro:

“Vai ser assim. Um toque. Então ... uma pequena perfuração. Isso é tudo que você vai sentir. Quando você acordar, a mudança será feita.”

“*Eu não quero ser mudada!*”

Houve um longo silêncio. Finalmente ele disse: “Você está com medo?”

“Eu não tenho uma doença! Esquecer as coisas é normal para a maioria dos humanos! Eu não preciso que nada seja feito no meu cérebro!”

“Seria tão ruim lembrar melhor? Lembrar do jeito que Sharad lembra — do jeito que eu faço?”

“O que é assustadora é a ideia de ser adulterada.” Ela respirou profundamente. “Ouça, nenhuma parte de mim é mais definitiva sobre quem eu sou do que o meu cérebro. Eu não quero —”

“Quem você é não será mudado.” (BUTLER, 1987, p. 76)⁶

Percebe-se que o medo de Lilith é justamente que essa metamorfose desestabilize sua humanidade. Como já mencionado, essa possibilidade encontra-se no cerne do *ser* ciborgue, o que, a partir dessa primeira transformação, Lilith passa a ser. Posteriormente, após um lamentável episódio no qual Lilith sofre uma tentativa de estupro, ela passa por uma segunda metamorfose: “Você pode abrir portas agora” (BUTLER, 1987, p. 102, tradução nossa)⁷. A nave Oankali é, na verdade, um ser vivo e por isso demanda características orgânicas para ser manuseada — para abrir portas e armários, por exemplo. A partir desse momento, Lilith pode se movimentar em uma parte da nave e, no decorrer da história, outras partes são ajustadas para que ela possa manuseá-las. Inclusive, ao chegar no ponto mais crítico da narrativa — o encontro de Lilith com os demais humanos —, suas possibilidades de interação com a nave são aprimoradas de modo que ela pode construir e modificar paredes a fim de organizar quartos e áreas de convívio entre eles:

A sala era um pouco maior que um campo de futebol. Seu teto era uma abóbada de luz suave e amarela. Lilith fez com que duas paredes crescessem em um canto, de modo que ela tivesse um quarto, fechado exceto por uma porta onde as paredes teriam se encontrado. Houve momentos em que ela juntou as paredes, afastando-se da vastidão vazia do lado de fora — longe das decisões que ela deveria tomar. As paredes e o

5 “I must make small changes — a few small changes. I must help you reach your memories as you need them.”

“What do you mean? What is it you want to change?”

“Very small things. In the end, there will be a tiny alteration in your brain chemistry.” (BUTLER, 1987, p. 75)

6 “It will be like this. A touch. Then a ... a small puncture. That’s all you’ll feel. When you wake up the change will be made.”

“*I don’t want to be changed!*”

There was a long silence. Finally it said, “Are you afraid?”

“I don’t have a disease! Forgetting things is normal for most humans! I don’t need anything done to my brain!”

“Would it be só bad to remember better? To remember the way Sharad did — the way I do?”

“What’s frightening is the idea of being tampered with.” She drew a deep breath. “Listen, no part of me is more definitive of who I am than my brain. I don’t want —”

“Who you are won’t be changed” (BUTLER, 1987, p. 76).

7 “You can open walls now” (BUTLER, 1987, p. 102).

chão da grande sala eram dela para remodelar como ela quisesse. Eles fariam qualquer coisa que ela fosse capaz de pedir, exceto deixá-la sair. (BUTLER, 1987, p. 115)⁸

A preocupação de Lilith acerca de ser ou não mais humana após sua metamorfose em um ser ciborgue envolve-a desde a primeira transformação, mas torna-se mais presente nesse momento crucial no qual ela precisa retirar os demais seres humanos da animação suspensa para acostumá-los à nova realidade e treiná-los para voltar a Terra. Nesse contexto, o maior receio de Lilith, após todas as mudanças de seu corpo, é se ela será entendida como humana ou não:

[...] A menos que ela tenha a ideia de que Lilith era um dos seus captores. Qualquer um que Lilith despertasse poderia ter essa ideia — quase certamente a teriam no momento em que Lilith abrisse uma parede ou fizesse novas paredes crescerem, provando assim que ela tinha habilidades que eles não tinham. Os Oankali haviam lhe dado informações, aumentado a força física, aprimorado sua memória e a capacidade de controlar as paredes e as plantas de animação suspensa. Essas eram suas ferramentas. E cada uma delas a faria parecer menos humana. (BUTLER, 1987, p. 120 [tradução nossa])⁹

Esse receio se dá, pois, essa condição de *mestiza*, para utilizar a nomenclatura de Gloria Anzaldúa (1987) pressupõe um “choque de vozes [que] resulta em estados mentais e emocionais de perplexidade. O conflito interno resulta em insegurança e indecisão. A dupla ou múltipla personalidade da *mestiza* é atormentada pela inquietação psíquica” (p. 78, tradução nossa)¹⁰. Em um constante nepantilismo mental — definição asteca para o que se foi partido ao meio —, a *mestiza* é produto do intercruzamento de diferentes valores culturais, estando num infundável estado de transição, de metamorfose contínua (ANZALDÚA, 1987). Pertencendo a diferentes coletividades ao mesmo tempo que pertence totalmente a nenhuma de forma exclusiva, a *mestiza* precisa criar a sua própria, híbrida, mestiça, metamórfica. No caso da narrativa, Lilith enquanto ser ciborgue encontra-se no meio do que seria a representação da cultura humana — essencialista nos valores — e da cultura Oankali — objetivando sempre a mudança — e assim, como na realidade *mestiza*, encontra-se em um choque de mensagens contrárias e incompatíveis. Estando, dessa forma, em uma encruzilhada de fronteiras e muros, “a rigidez significa morte” (ANZALDÚA, 1987, p. 79, tradução nossa)¹¹, pois só se mantendo flexível, sempre em movimento por entre essas fronteiras psicológicas e sociais, se afastando de percepções excludentes, é que ela consegue sobreviver. E, assim,

8 “The room was slightly larger than a football field. Its ceiling was a vault of soft, yellow light. Lilith had caused two walls to grow at a corner of it so that she had a room, enclosed except for a doorway where the walls would have met. There were times when she brought the walls together, sealing herself away from the empty vastness outside — away from the decisions she must make. The walls and floor of the great room were hers to reshape as she pleased. They would do anything she was able to ask of them except let her out.” (BUTLER, 1987, p. 115).

9 “[...] unless she got the idea Lilith was one of her captors.

Anyone Lilith Awakened might get that idea — almost certainly would get it the moment Lilith opened a wall or caused new walls to grow, thus proving she had abilities they did not. The Oankali had given her information, increased physical strength, enhanced memory, and an ability to control the walls and the suspended animation plants. These were her tools. And every one of them would make her seem less human.” (BUTLER, 1987, p. 120)

10 “[...] the clash of voices results in mental and emotional states of perplexity. Internal strife results in insecurity and indecisiveness. The *mestiza*'s dual or multiple personality is plagued by psychic restlessness” (ANZALDÚA, 1987, p. 78).

11 “Rigidity means death” (ANZALDÚA, 1987, p. 79)

a nova *mestiza* lida com isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambiguidades. Ela aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista anglo-americano. Aprende a equilibrar as culturas. Ela tem uma personalidade plural, ela opera em um modo pluralístico — nada é empurrado para fora, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada é abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa (ANZALDÚA, 1982, p. 79)¹²

É desse modo que Lilith lida com a situação. Não exatamente unindo as perspectivas opostas, nem tentando equilibrá-las, mas criando um terceiro elemento que englobaria as partes. É justamente esse terceiro elemento que Anzandúa (1987) chama de consciência mestiça e que, nesse artigo, em contexto de ficção científica, chamamos de perspectiva ciborgue.

Contribuindo como um elo entre a perspectiva ciborgue, *mestiza*, metamórfica, de Lilith, encontra-se Joseph — um dos humanos a serem retirados das plantas de animação suspensas por Lilith. Caracterizado pelos Oankali como inteligente e estável, com o passar do tempo, aproxima-se de Lilith, com a qual forma um casal, o que transforma os dois em alvos de julgamentos. Primeiramente Lilith, que, ao evitar um estupro lutando com alguns homens, passa a receber os primeiros julgamentos abertos sobre sua possível não-humanidade:

Ele [Joseph] sentou-se ao lado dela. “Ela está dizendo às pessoas que você é um homem. Ela diz que só um homem pode lutar dessa maneira.”

Para sua própria surpresa, Lilith riu alto.

“Algumas pessoas não estão rindo”, disse ele. “Aquele novo homem, Van Weerden, disse que não achava que você se quer fosse humana.” (BUTLER, 1987, p. 147 [tradução nossa])¹³.

Esse tipo de julgamento, desde o primeiro momento, passa a preocupar Joseph que, conhecendo a espécie humana, sabe dos seus problemas para lidar com a diferença: “Pessoas sendo pessoas, é isso. Você provavelmente não está em perigo agora, mas você estará em breve. Você deve saber disso” (BUTLER, 1987, p. 148, tradução nossa)¹⁴. Essa concepção também é percebida e compreendida pelos Oankali. Nikanj — oankali que possui a posição de terceiro elo do “trisal” formado no decorrer da diegese entre ele, Lilith e Joseph — responde a Joseph quando este afirma não entender o motivo de acharem que os alienígenas são assustadores por eles não parecerem perigosos, apenas muito diferentes: “‘O diferente é ameaçador para a maioria das espécies’, respondeu Nikanj. ‘O diferente é perigoso. Pode te matar. Isso era verdade para seus ancestrais animais e seus parentes animais mais próximos. E é verdade para vocês’” (BUTLER, 1987, p. 186, tradução nossa, grifos da autora)¹⁵. Assim, Joseph, quando alerta Lilith para o

12 “The new *mestiza* copes by developing a tolerance for contradictions, a tolerance for ambiguity. She learns to be an Indian in Mexican culture, to be Mexican from an Anglo point of view. She learns to juggle cultures. She has a plural personality, she operates in a pluralistic mode - nothing is thrust out, the good the bad and the ugly, nothing rejected, nothing abandoned. Not only does she sustain contradictions, she turns the ambivalence into something else” (ANZALDÚA, 1987, p.79)

13 He sat down next to her. “She’s telling people you’re a man. She says only a man can fight that way.”

To her own surprise, Lilith laughed aloud.

“Some people aren’t laughing,” he said. “That new man, Van Weerden said he didn’t think you were human at all.” (BUTLER, 1987, p. 147)

14 “People being people, tha’s all. You’re probably not in any danger now, but you will be soon. You must know that.” (BUTLER, 1987, p. 148)

15 “‘Different is threatening to most species,’ Nikanj answered. ‘Different is dangerous. It might kill you. That was true to your animal ancestors and your nearest animal relatives. And it’s true for you.’” (BUTLER, 1987, p. 186)

perigo iminente, transparece a percepção de Stuart Hall (2011) acerca da constituição da identidade. Hall (2011) afirma que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (p. 110), ou seja, “é apenas pela relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo — e, assim, sua ‘identidade’ pode ser construído” (p. 110, grifos do autor). Ou seja, o teórico salienta como as pessoas precisam se ancorar na diferença, apontando um traço negativo no Outro, para se afirmar por meio desse traço em um sistema de oposição — o que, na narrativa, torna-se bastante perigoso.

Ernesto Laclau (1990) corrobora essa perspectiva trazendo o pensamento de Derrida ao afirmar que este “mostrou como a constituição de uma identidade é sempre baseada em excluir algo e estabelecer uma hierarquia violenta entre os dois polos resultantes — forma/matéria, essência/acidente, preto/branco, homem/mulher etc. (...)” (p. 32, tradução nossa)¹⁶. Acrescentemos, assim, os polos humano/ciborgue e reflitamos acerca dessa polaridade. Lilith e, posteriormente, Joseph, são inseridos no grupo do ciborgue por apresentarem diferenças, no entanto, tanto Lilith quanto Joseph continuam sendo seres humanos; nascidos de mães e pais humanos; seres de carne, osso e sangue; com subjetividade, sentimentos, raciocínio. A única diferença é que ambos possuem características humanas que foram potencializadas quimicamente. Entretanto, na hierarquia dos termos, o ciborgue segue inferiorizado no que diz respeito a sua aceitação enquanto ser. Assim, esse seria o fenômeno da secundariedade baseada na diferença entre os termos, no qual o dominante funciona como termo essencial, enquanto o segundo possui caráter accidental, ou seja, marcado pela diferença. O mesmo ocorre com a dicotomia homem/mulher e branco/negro, no qual o “homem” e o “branco” tornam-se a norma, enquanto que “mulher” e “negro” representam o acidente, possuidores da marca da diferença, subjugados na hierarquia dos termos, cuja hierarquia é refletida socialmente (LACLAU, 1990). Assim, essa marca da diferença composta por suas novas habilidades torna Lilith visível, “elas fazem Lilith ser diferente, e, portanto, elas fazem dela um alvo” (BUTLER, 1987, p. 154 [tradução nossa])¹⁷.

Donna Haraway (2009) também alude aos dualismos dessa tradição ocidental, salientando que eles têm sido essenciais para a manutenção da lógica e da prática dos processos de dominação sobre todos os grupos caracterizados como o “outro” na dicotomia eu/outro já que:

o eu é o Um que não é dominado, que sabe isso por meio do trabalho do outro; o outro é o um que carrega o futuro, que sabe isso por meio da experiência da dominação, a qual desmente a autonomia do eu. Ser o Um é ser autônomo, ser poderoso, ser Deus; mas ser o Um é ser uma ilusão e, assim, estar envolvido numa dialética de apocalipse com o outro. Por outro lado, ser o outro é ser múltiplo, sem fronteira clara, borrado, insubstancial. Um é muito pouco, mas dois [o outro] é demasiado. (p. 91)

16 “Derrida has shown how an identity's constitution is always based on excluding something and establishing a violent hierarchy between the two resultant poles — form/matter, essence/accident, black/white, man/woman etc. (...)” (LACLAU, 1990, p. 32)

17 “They make her different, and therefore they make her a target.” (BUTLER, 1987, p. 154)

Assim, para Haraway (2009), a própria relação enquanto dicotomia entre o humano/ciborgue — o eu/outro — seria uma “dialética de apocalipse”, pois se a ideia essencialista de um “eu”, ou do *ser* humano, seria uma ilusão por não representar algo tão essencial quanto se imagina, o seu opositor, o “outro”, o *ser* ciborgue, é uma figura fluida, sem fronteiras, no outro lado da moeda identitária e o seu embate pode possuir consequências perigosas e violentas — como transparece a narrativa.

Para melhor compreensão desse embate e de suas consequências, se faz necessário discorrer acerca dos diferentes entendimentos acerca da identidade. Como afirma Stuart Hall (2006), o problema da identidade está sendo bastante discutido na teoria social tendo em vista as mudanças de concepção enfrentadas:

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (p. 7).

Como se pode perceber, a perspectiva de Hall (2006) colabora com a perspectiva ciborgue ao ponto de enfatizar o caráter metamórfico da identidade na nossa contemporaneidade. Assim, o teórico define três perspectivas de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Em suma, a concepção iluminista entende o sujeito como um centro que permanece idêntico durante toda sua existência, ou seja, unificado, centrado, bem definido e essencialista na sua individualidade. Já a concepção sociológica seria um reflexo da crescente modernização do mundo que quebrava gradualmente a individualidade humana, trazendo uma perspectiva mais interacionista, ou seja, o sujeito continuaria possuidor de um “eu” centralizado e essencial, mas que seria constituído a partir do seu diálogo com o mundo, aderindo o sujeito à estrutura social que, no entanto, também encontrava-se essencialmente centrada. Por fim, a concepção pós-moderna percebe o sujeito:

como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque constituímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 12-13)

Assim, a concepção de sujeito pós-moderno definiria o ciborgue de Donna Haraway (2009), que o caracteriza como “um tipo de eu — pessoal e coletivo — pós-moderno, um eu desmontado e remontado” (p. 63-64). Caracterização esta, na narrativa, apresentada sobre Lilith e

Joseph, enquanto que os demais humanos, sujeitos sociológicos, defendem uma centralização identitária na defesa da humanidade determinada como essência dos seus seres, cuja qualquer variação deve ser temida e combatida. Desse modo, há a necessidade de perceber o mundo não construído a partir de essências identitárias em conflito que podem funcionar como um gatilho para identidades essencialistas violentas que pouco ou nada contribuem para o avanço da sociedade e das epistemes, já que “o problema com as teorias essencialistas e exclusivistas, ou com as barreiras e os lados, é que elas dão origem a polarizações que mais absolvem e perdoam a ignorância e a demagogia do que facilitam o conhecimento” (SAID, 1995, p. 65). Dessa forma, vemos na narrativa uma construção desse embate entre a visão pós-moderna Oankali e a concepção de identidade sociológica, essencialista e violenta do lado humano, que vai da exclusão de Lilith e da vontade de matá-la, até o assassinato de Joseph.

Acerca de Joseph, inicialmente, o seu rejeitar dá-se por sua associação à Lilith — julgada por sua condição ciborgue —, o que leva alguns humanos a buscarem traços de diferença em seu ser para justificar sua rejeição. O perigo iminente de Joseph fica, assim, nítido para Nikanj, que propõe ajudá-lo a se defender metamorfoseando-o, tal como fez com Lilith, em um ciborgue:

"Porque já existem dois humanos machos falando contra ele, tentando pôr os outros contra ele. Um decidiu que ele é algo chamado bicha e o outro não gosta da forma de seus olhos. Na verdade, ambos estão irritados com a maneira como ele se aliou a você. Eles prefeririam ter você sem aliados. Seu parceiro precisa de alguma proteção extra que eu possa lhe dar agora". Ela escutou, chocada. Joseph havia falado sobre o perigo para ela. Ele sabia o quão imediato era o seu próprio perigo? (BUTLER, 1987, p. 159 tradução nossa)¹⁸

É imaginando essa situação que Lilith pede, anteriormente, que faça com ele como fizeram com ela: “Quero dizer, dê a ele mais resistência a ferimentos. Ajude-o a curar mais rápido se ele for ferido. Dê a ele uma chance!” (BUTLER, 1987, p. 155, tradução nossa)¹⁹, diz Lilith à Nikanj, que assim o faz.

No entanto, do mesmo modo que cada vez mais Lilith era entendida como o Outro, o diferente que precisava ser combatido — “[...] cada ato que ela realizou que provou a verdade do que ela disse também fez sua lealdade, e até mesmo sua humanidade, ser suspeita” (BUTLER, 1987, p. 160, tradução nossa)²⁰ —, Joseph seguiu gradualmente entrando nessa concepção. O ponto crucial, assim, ocorre quando Lilith e Joseph são atacados por alguns dos outros humanos:

Ela olhou em volta para ver quem havia chegado. Foi quando ela viu Curt. Um instante depois, Curt bateu na lateral da cabeça com a parte chata do facão. Ela caiu no chão, atordoada. Perto dali, ela ouviu Joseph gritar o nome dela. Houve o som de mais golpes. Ela ouviu Gabriel xingando, ouviu

18 “Because there are already two human males speaking against him, trying to turn others against him. One has decided he's something called a faggot and the other dislikes the shape of his eyes. Actually, both are angry about the way he's allied himself with you. They would prefer to have you without allies. Your mate needs any extra protection I can give him now." She listened, appalled. Joseph had talked about the danger to her. Had he known how immediate his own danger was? (BUTLER, 1987, p. 159)

19 “I mean give him more resistente to injury. Help him heal faster if he is injured. Give him a chance!” (BUTLER, 1987, p. 155)

20 Yet every act she performed that proved the truth of what she said also made her loyalties, and even her humanity suspect (BUTLER, 1987, p. 160).

Allison gritar. Ela tentou se levantar e alguém bateu nela de novo. Desta vez ela perdeu a consciência. (BUTLER, 1987, p. 221, tradução nossa)²¹

Logo em seguida, Lilith acorda sozinha e se questiona sobre onde estarão todos e, principalmente, onde estará Joseph. É pouco depois que descobrimos que Joseph foi assassinado:

“Foi Curt?”

“Fomos nós”, Nikanj disse suavemente.

Depois de um tempo, ela conseguiu se virar do cadáver cinza e encarar Nikanj. “O quê?”

“Nós”, repetiu Nikanj. “Queríamos mantê-lo seguro, você e eu. Ele estava ligeiramente ferido e inconsciente quando o levaram embora. Ele lutou por você. Mas seus ferimentos foram curados. Curt viu a carne cicatrizando. Ele pensou que Joe não era humano” (BUTLER, 1987, p. 223, tradução nossa)²².

Assim, nota-se o quão devastadora a diferença e as concepções essencialistas de identidade podem ser, tendo em vista que Curt assassina Joseph unicamente por entendê-lo como diferente de si. Este é o mesmo motivo pelo qual Nikanj não deixa Lilith voltar para a Terra como os demais humanos, para protegê-la:

“Mas...” Ela se aproximou, sacudindo a cabeça. “Mas e eu? Eu fiz tudo o que você pediu. Eu não machuquei ninguém. *Por que eu ainda estou aqui?*”

“Para proteger sua vida”. Ele tomou a mão dela. “Eu fui chamado hoje para ouvir as ameaças que foram feitas contra você. Eu já tinha ouvido a maioria delas. Lilith, você teria acabado como Joseph”.

Ela balançou a cabeça. Ninguém a ameaçou diretamente. A maioria das pessoas estavam com medo dela.

“Você teria morrido”, repetiu Nikanj. “Porque eles não podem nos matar, eles teriam matado você.” (BUTLER, 1987, p. 244 [tradução nossa] [grifos do autor])²³

É contra os essencialismos identitários que Gloria Anzaldúa (1987) disserta acerca da perspectiva de Jose Vasconcelos, filósofo mexicano que imaginou o conceito de raça cósmica — uma raça humana que abraçaria as demais numa mescla contrária às teorias essencialistas de raça pura. O filósofo defende uma visão oposta ao do marco da diferença que hierarquiza os polos do eu/Outro como o primeiro superior ao segundo, afirmando que a mistura das raças não resultaria em seres inferiores, mas em uma “descendência híbrida, uma espécie mutável, mais maleável, com uma rica piscina genética” (ANZALDÚA, 1987, p. 77,

21 She looked around to see who eles had arrived. That was when she saw Curt. An instant later, Curt hit her across the side of the head with the flat of his machete. She dropped to the ground, stunned. Nearby, she heard Joseph shout her name. There was the sound of more blows. She heard Gabriel swearing, heard Allison scream. She tried desperately to get up, and someone hit her again. This time she lost consciousness. (BUTLER, 1987, p. 221)

22 “Was it Curt?”

“It was us”, Nikanj said very softly.

After a time, she managed to turn from the grisly corpse and face Nikanj. “What?”

“Us”, Nikanj repeated. “We wanted to keep him safe, you and I, He was slight injured and unconscious when they took him away. He had fought for you. But his injuries healed. Curt saw the flesh healing. He believed Joe wasn't human” (BUTLER, 1987, p. 223).

23 “But...” She stepped closer to it, shaking her head. “But what about me? I did all you asked. I didn't hurt anyone. *Why am I still here!*”

“To save your life”. It took her hand. “I was called away today to hear the threats that had been made against you. I had already heard most of them. Lilith, you would have wound up like Joseph”.

She shook her head. No one has threatened her directly. Most people were afraid of her.

“You would have died”, Nikanj repeated. “Because they can't kill us, they would have killed you” (BUTLER, 1987, p. 244).

tradução nossa)²⁴, ou seja, o que Jose Vasconcelos chama de consciência alienígena, Anzaldúa (1987) de a nova *mestiza* e que nós, neste artigo, trazemos como perspectiva ciborgue.

É, então, contra essa visão essencialista e perigosa, que esse artigo se sustenta, concordando com Haraway (2009) quando esta diz que “um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias” (p. 46). Assim, concordamos com Said (1995) quando este afirma que “a experiência cultural, ou na verdade toda forma cultural, é radicalmente, quintessencialmente híbrida [...]” (p. 95), sendo nós próprios híbridos, metamórficos.

3 Conclusão

O termo ciborgue foi cunhado há quase meio século e por muito tempo permaneceu na sombra da ficção científica, no entanto, com o passar do tempo, o estudo do ciborgismo tornou-se conceito chave para muito acadêmicos das mais diversas áreas tecnológicas, políticas, sociológicas, literárias, etc (GRAY; MENTOR; FIGUEROA-SARRIERA, 1995) por suscitar diversos debates acerca das realidades humanas.

Acreditamos, assim, que a análise da perspectiva ciborgue voltando-se para questões acerca da identidade e da diferença se mostrou bastante profícua tendo em vista o contexto pós-moderno em que nos encontramos. Na contemporaneidade, questiona-se a fixidez da identidade (HALL, 2006), mas é no confronto com o ciborgue — seres metamórficos, híbridos ficcionais — que a própria concepção de humanidade é posta em cheque. Essa perspectiva, assim, alarga o debate acerca da própria existência do ser humano pós-moderno e de como ele se relaciona com o mundo. Isso se dá, pois, essa heterogeneidade chave para o ser ciborgue entra em choque com a suposta homogeneidade do ser humano por questionar as concepções divinas e essencialistas da humanidade (TADEU, 2009). Essa visão favorece o inquirimento acerca de toda a cadeia de privilégios aparentemente inatos — seja do homem sobre a natureza ou de um grupo social sobre outro. É nessa perspectiva que Anzaldúa (1987) afirma que “o futuro pertence à *mestiza*. Porque o futuro depende da quebra de paradigmas” (p. 80 [tradução nossa]).

Sendo a imaginação um dos locais mais importantes para a produção do ciborgue (GRAY; MENTOR; FIGUEROA-SARRIERA, 1995) e sendo a história frequentemente recontada a fim de se manter as hierarquias dicotômicas acerca da identidade, o ciborgue é utilizado justamente para descolonizar essas estruturas já naturalizadas, questionando-as a fim de reconstruí-las (HARAWAY, 2009). Esse artigo, portanto, buscou fazer um apanhado geral acerca das questões da identidade e da diferença que afligem a pós-modernidade objetivando contribuir com o debate existente.

²⁴“hybrid progeny, a mutable, more malleable species with rich gene pool” (ANZALDÚA, 1987, p. 77).

Referências

- ANZALDÚA, G. **Bordelands/La Frontera**. The new mestiza. São Francisco: Aunt Lute, 1987.
- BUTLER, O. E. Black Women and the Science Fiction Genre: entrevista. [março/abril, 1986]. Missouri: *Journal of Black Studies and Research*.
- BUTLER, O. E.. **Dawn**. Nova York: Grand Central Publishing, 2000 [1987].
- GRAY, C; MENTOR, S & FIGUEROA-SARRIERA, H. Cyberlogy. Constructing the Knowledge of Cybernetic Organisms. In.: GRAY, C (ed.). **The Cyborg Handbook**. Londres: Routledge, 1995.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue. In.: TADEU, Tomaz (Org.) **Antropologia do Ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LACLAU, E. **The Reflection on The Revolution of Out Time**. Londres, Nova York: Verso, 1990.
- SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARTRE, J. P. **O que é Literatura?** São Paulo: Ática, 1989.
- TADEU, T. Nós, ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano. In.: TADEU, Tomaz (Org.) **Antropologia do Ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Artigo enviado em: 18/05/2019. Aprovado em: 28/06/2019.